

Projeto



BOLETIM MULHERES, JOVENS E GRIÕES Conectando memórias, ancestralidade e negritudes

Edição Nº 8 - Dezembro, 2024



Como me reconheço e me apresento a partir das minhas memórias?

Páginas 4 a 13

Ancestralidade e negritudes: o entendimento que vem dos encontros

Páginas 14 a 15

Pensando cuidado e cura: potências em roda

Páginas 16 a 21

Realização



Apoio



Parceria





Conhecimentos compartilhados por:

Mediadoras

Mônica Ferreira
Sonia Martins

Campo Alegre, Nova Iguaçu

Débora Figueira

Casa Dalva

Kizzy Martins

Cefet, Nova Iguaçu

Cristiane Magalhães
Larissa Trindade
Sara Mello

Centro de Integração na Serra da Misericórdia (CEM), Penha

Ana Paula Santos
Gerci Pereira
Karina de Paula
Leoides Xavier
Luciana Reinaldo
Sarah Fernandes
Scarlet Cruz

Colher Urbano

Paloma Silveira

Duque de Caxias

Cristina Santos
Jéssica Araújo
Juliana Teixeira
Juliana Wu
Mari Dionizio

Miria Firmino

Rosa das Dores

Sonia Souza

Viviane Dias

Projeto Raridades

Dafni Soares

Evanilda Machado

Maria de Fátima Conceição

Sarah Emanuelle

Tallita Aguiar

Telhado Verde, Penha

Anne Gabrielle

GT Mulheres Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA

Ana Milanez

Anna Carla Ferreira

Larissa Cabral

Mariana Portilho

Facilitação Gráfica

Bianca Santana

Diagramação

Gabriel Amorim

Imagens

Lucas Fernando

Relatoria

Nelson Francisco

Revisão

Yasmin Abreu

Coordenação Editorial

Mariana Portilho e Anna Carla Ferreira

“Vozes-Mulheres”, Conceição Evaristo

*A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.*

Memória e ancestralidade são termos que estão entrelaçados de maneira profunda e que podem oferecer um caminho para entendimento do presente e da valorização das lutas passadas para que seja possível construir um futuro mais consciente e livre de opressões. Rememorar as raízes e heranças que trazemos é fundamental para que consigamos construir nossa identidade.

A negritude entra nesse contexto como uma reivindicação da valorização da cultura, da história, da vivência e da sabedoria do povo negro. Ela resiste à opressão enquanto celebra a riqueza dos saberes ancestrais em suas mais variadas manifestações. Retoma um legado de força, resistência e luta.

Essa conexão entre memória, ancestralidade e negritude oferta o passado como um espaço de poder e resiliência, ao proporcionar dispositivos necessários para que descendentes de povos africanos escravizados resistam ao racismo estrutural e à marginalização presente na sociedade.

E foi essa conexão que esteve presente na roda de conversa “Memórias, Ancestralidade e Negritudes”, realizada em setembro, pelo Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA, como preparação para o mês da consciência negra. Os saberes entraram em movimento por meio das memórias de mães, filhas, avós, tias, irmãs, sobrinhas que se acomodaram em roda para compartilhar anseios, alegrias, ausências, segredos e lembranças de resistência.

O clamor por paz, saúde, alegria e justiça pôde ser ouvido durante toda a manhã em que estivemos juntas partilhando abraços, palavras de apoio e vivências comuns. Saímos desse encontro na certeza de que precisamos estar juntas para fortalecer a luta por um mundo mais justo, mais saudável, com comida no prato e alegria de viver!

Convidamos você a enveredar por estas memórias e trilhar conosco o caminho para um futuro ancestral.

“AmarElo”, Emicida

*Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes
Que nem devia tá aqui
Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós?
Alvos passeando por aí
Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência
É roubar o pouco de bom que vivi
Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir*

Como me reconheço e me apresento



“Dá licença, aê, dá licença, às donas da casa, peço licença pra falar”

Quando a gente faz os nossos recortes para trazer nessa roda da resistência alguns elementos importantes que reafirmam a nossa identidade e que nos remetem a dizer de onde a gente vem, isso se dá em um processo de travessia de uma ponte que constitui os nossos elementos emancipados. Essa travessia se institui em uma diversidade que a gente não dá conta de viver.

Quem faz a disputa conosco faz um recorte importante para eles que é de apagar a memória dos nossos ancestrais e aniquilar a nossa existência. O conflito é diário nessa jornada, enfrentamos diversas contradições e nisso precisamos nos colocar no centro dessa construção, como sujeitos do processo emancipatório.

Momentos como esses, que nos fazem resgatar a memória, não são só momentos que nos emocionam, que nos fazem chorar. São mais que isso. É um momento que vai nos reanimar e nos recolocar dentro de um corpo sujeito, histórico, da nossa forma histórica. E com esses elementos, a gente vai se reinstituindo, se resignificando e vai reolhar o presente de uma outra forma.



Sonia Martins



Mônica Ferreira

É muito comum hoje a gente desvalorizar os saberes seculares, ancestrais. O povo preto chegou e trouxe muitos saberes ancestrais, que precisaram ser resignificados na chegada ao Brasil. Sabemos que muitos povos foram dizimados, mas pessoas pretas foram trazidas para esse lugar a partir de um processo de violência brutal para que fossem dominadas. Corpos pretos foram retirados de seu lugar e asfixiados no processo de escravização. Por isso, é importante resgatarmos as memórias do passado que a gente não viveu, mas que estão presentes no nosso corpo e na nossa construção identitária.

Quando me conecto com a energia ancestral, isso corresponde a um princípio africano de que o coletivo é o que nos fortalece e nos empodera. Para não ter crise de ansiedade, nem depressão, a gente precisa, efetivamente, lembrar quem é. Falar de ancestralidade e memória é afirmar que podemos caminhar juntas.

a partir das minhas memórias?

Sou baiana e estou no Rio há 22 anos. Quando teve a pandemia de covid, fiquei internada por 11 dias. Depois disso, decidi visitar minha família, que não via há muito tempo, porque nos momentos de dor, de medo, a gente percebe o que precisa valorizar. Acabamos colocando sempre tanta coisa na frente que esses momentos importantes ficam perdidos.



Viviane Dias



Tallita Aguiar

Tenho 17 anos e sou filha dessa nega estilosa, que é a minha mãe. Ela é muito guerreira, criou três meninas sozinha, pois, quando eu tinha 3 anos, meu pai faleceu. Quando eu crescer, quero ser igual a ela, que sempre me traz bom gosto musical e estilo e é uma inspiração pra mim.

A minha memória é a minha família sempre reunida. Apesar do corre-corre do dia a dia, a gente sempre procura um momento pra se encontrar.



Sonia Souza





Rosa das Dores

Eu desabrochei, a Rosa que veem aqui hoje não parece com a de antigamente. Era uma Rosa, vamos dizer, triste não, mas quietinha, porque a gente passa por muitas situações que fazem a gente ficar mais calada. A gente até esquece de coisas boas como a amizade! Tenho duas filhas e duas netas lindas. Atualmente faço geleias e compotas, que me lembram da minha mãe, que também cozinhava.

Minha filha tem 5 anos e já foi há dois Congressos Brasileiros de Agroecologia. No primeiro, Manu tinha apenas 6 meses. Foi um caos, não recomendo. Mas a gente sabe que para as mães poderem participar das atividades, elas precisam levar as crianças. No contexto da agroecologia, a gente entende que comer é um ato político, então sempre tive muita preocupação com a introdução alimentar dela. Por isso, trouxe uma foto que mostra que, no prato da Manu, tinha inhame, feijão vermelho, berinjela, couve e flor de capuchinha, tudo da Zona da Mata, produtos comprados na feira da Rede de Agroecologia de Viçosa. Achei que fazia sentido trazer a Manu para essa roda de conversa com tudo que a gente constrói juntas.



Larissa Cabral

Eu tenho um filho que é um presente de Deus na minha vida, um amigo, meu parceiro. Daqui a pouco ele estará seguindo a vida dele. Espero poder ensinar a ele a importância da família como meus pais me ensinaram.

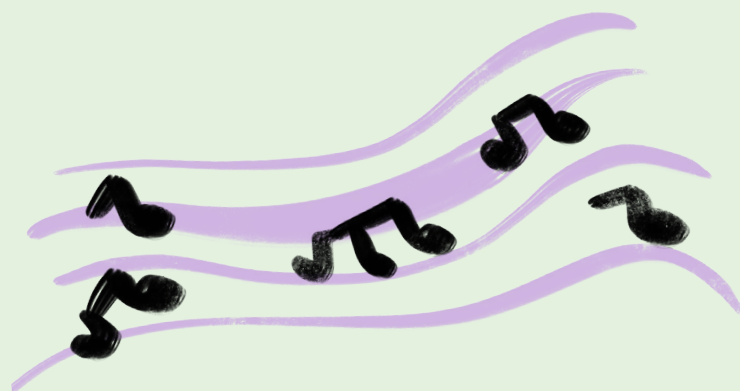


Cristina Santos

Da minha avó, não herdei só o nome. Herdei o colo, o carinho e o aconchego que distribuo a todos os meus filhos, os que tive e os de coração. Por isso, acho que se eu estou aqui, se eu sou essa mulher que sou, devo um mundo muito especial a quem está chegando agora. Em homenagem a meus ancestrais, eu tenho a obrigação e o orgulho de transmitir memórias a quem está chegando.



Mari Dionizio



“Eu vim de lá, eu vim de lá, pequenininha...”



Jéssica Araújo

Minha memória é esse cara que trouxe na foto, Cauã, que tem 17 anos e é meu braço direito na roça. Ele me fez renascer quando me tornei mãe, novinha, aos 14 anos. Quando ele nasceu, tive que entender que ele é meu filho e não meu irmão. Agora ele já quer me ensinar as coisas e diz: “Você me ensinou tanto, agora eu posso te ensinar também!” Trago uma memória que espero nunca perder de ter visto ele pequenininho, depois crescendo e me acompanhando na roça, me ajudando, transformando uma terra vazia em uma terra com colheita.



Larissa Trindade

Eu vou falar da minha irmã, porque ela me representa muito. Por causa dela, sempre fico pensando que as pessoas além de mim também são afetadas pelas situações, que não podemos olhar só para o nosso próprio umbigo. Sempre penso no que posso fazer para melhorar em relação a ela, para que ela tenha uma vida boa.

A agroecologia e o lidar com a vida a partir da terra sempre estiveram na minha vida dentro da universidade, mas busquei outros caminhos para conseguir fazer um enfrentamento ao racismo, ao machismo, à estrutura ocidental que está o tempo todo ali tentando fazer a gente desistir. E agora tenho trilhado outros caminhos e construído novas memórias para os meus filhos. Sou trancista, que é o que sustenta meu processo de formação, traz alimento pra minha casa e permite que eu ajude meus pais.



Paloma Silveira



Evanilda Machado

Trago para a roda minhas três bênçãos: Brayan, Erick e Sarah. Confesso que, quando Sarah nasceu, eu tive medo. Mas, graças a Deus, venci esse receio, ela é minha parceira, onde estou, ela vai junto comigo: se é na faculdade, ela está comigo, se é na igreja, ela está comigo. Tudo o que faço é por ela.



Sarah Emanuelle



Fiz uma árvore genealógica em que trago as raízes da minha família, cada momento nosso, e coloquei o que meu povo representa: agricultura familiar, a conquista da nossa terra, os anos em que eu, meu esposo e minhas filhas nascemos e o ano da conquista do meu sítio.

Dafni Soares - mãe estilosa da Tallita





Maria de Fátima

Eu trouxe planta, foto de casamento, da minha avó, dos meus filhinhos pequenos, a memória do primeiro encontro com meu neto que nasceu na pandemia e do Congresso Brasileiro de Agroecologia, momento importante para conhecer mais sobre a agroecologia.

Não tem nada que me represente mais como mulher que a maternidade, meus filhos são aquilo que mais trazem felicidade nessa vida. Eles me trouxeram transformação e me ensinaram a lidar com as diferenças.



Scarlet Cruz

Minha avó teve dez filhos, ela ensinava sobre pancs e sobre o uso das plantas. Na época, comíamos, mas achávamos que era coisa de pobre e que precisávamos comer porque passávamos necessidades. Atualmente estamos resgatando esses alimentos que dizem que não são convencionais, mas que, na verdade, já estão na nossa casa há muito tempo. Na época, as pancs não eram valorizadas, nós queríamos o que estava na televisão, aquilo que não tínhamos. Mas hoje valorizamos o que comíamos antes. Considero que sou um pouco da minha avó, do meu pai e da luta que eles enfrentaram para sobreviver.



Juliana Teixeira

A ancestralidade me chama à mudança e me guia para outro caminho. Moro num quintal de família e minhas mais velhas são minha referência, desde pequena, escuto as histórias delas.



Kizzy Martins



Anne Gabrielle

Sinto que estou construindo um lugar de estar sempre muito aberta para o novo e que através desse novo, vou conseguir preencher o meu passado.



Mariana Portilho

Hoje trago a foto do dia em que conheci pela primeira vez a minha sobrinha e foi quando me reconheci tia. Manuela nasceu em casa, durante a pandemia e eu cheguei à maternidade antes dela.

Quando eu ouço tantas pessoas falando da sua ancestralidade, acho interessante porque foi também dos meus avós que herdei tudo que me constrói hoje, o que me constitui. Eles foram e são parte fundamental disso.



Nelson Francisco

**Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
No Quilombo dos Palmares
Onde se refugiou**

Canto das três raças, de Mauro Duarte e Paulo César Pinheiro



Ancestralidade e negritudes:

Entendi que ter filhos pretos na Baixada Fluminense é sofrer racismo todos os dias. Graças a Deus, não perdi os meus filhos, pois hoje vejo mães sofrerem muita dor ao perderem os seus filhos... mortos ou perdidos na prostituição, nas drogas e no massacre da violência.



Miria Firmino



Sonia Martins

É inconcebível para os opressores que as mulheres protagonizem o processo de emancipação. E nós não podemos nos permitir ser egoístas, pois é na luta coletiva que nos fortalecemos, é um privilégio histórico podermos resistir e não podemos permitir que os opressores roubem de nós a nossa capacidade de ser e existir através da nossa ancestralidade. Precisamos ser para o amanhã a juventude que deu certo. E cabe a nós, mulheres, trazer a memória ancestral através da oralidade.

A tristeza é senhora
Desde que o samba é samba, é assim
A lágrima clara sobre a pele escura
A noite, a chuva que cai lá fora
Solidão apavora
Tudo demorando em ser tão ruim
Mas alguma coisa acontece
No quando agora em mim
Cantando eu mando a tristeza embora

Desde que o samba é samba, de Caetano Veloso



o entendimento que vem dos encontros



É difícil a gente ter um momento para falar das nossas dores, das nossas ancestralidades e de tudo que a gente tem de bom, de retomada. E não é possível falar sobre ancestralidade, negritude, sem falar de plantas, sem falar de cheiro e do que isso remete para a gente. Além de agrônoma, também sou empreendedora e trabalho com o autocuidado que vem da terra, porque é com ela que eu acredito que a gente se cura. Então Sarah e eu fizemos perfumes botânicos para que cada uma levasse. Um dos perfumes é de lavanda, que trabalha a leveza e o alívio de tensões, fazendo a gente dormir melhor. E outro é de laranja e cravo, que estimula o ânimo e a sensação de bem-estar. O perfume foi feito com muito carinho, porque eu acho que é nessas rodas que a gente também se cuida. Então é uma forma de fortalecer nossas irmãs, nossos parceiros, com nossos perfumes.

Ana Milanez, empreendedora de encantarias naturais

Dicas para perfumar...

Ingredientes: 10 ml de perfume; 9 ml de óleo de amêndoas; semente de uva ou girassol; 2 a 4 gotas de óleo essencial da preferência (lavanda, laranja, capim limão, alecrim, são muitas opções); 1 gota de óleo resina de alecrim (opcional, evita a oxidação e o ranço em óleos vegetais); flores e plantas desidratadas para decorar.

Modo de preparo: Misture os ingredientes e coloque em um recipiente próprio para perfume. É importante armazenar longe do sol, pois o óleo essencial é muito volátil e evapora mais rápido se ficar exposto.



Pensando cuidado e cura:

Precisamos pensar em um cuidado que não nasceu acadêmico. O cuidado é instintivo, sempre existiu e é muito maior do que o que está na clínica da família, no hospital. Precisamos trazer esse cuidado para a nossa prática. A gente não precisa ser a parede branca e o formulário do hospital, precisamos ser gente, entender o outro como gente.



Cristiane Magalhães



potências em roda



Luciana Reinaldo



Karina de Paula



Mônica Ferreira

As falas ressaltaram a importância de valorizar os nossos saberes. E descolonizar saberes é essencial. Olhar para as ideias que foram trazidas e não nos manter no lugar de violência e dor. Que o coletivo continue sendo a nossa prática e a nossa bandeira.



Gerçi Pereira



Sarah Fernandes



Débora Figueira

Nós temos que fazer por nós mesmos, ninguém vai fazer pela gente aquilo que é direito nosso. Então, que a gente não se acomode, não se amedronte, que não seja tolhida pelo medo da dor, pelo contrário, que isso seja um instrumento de libertação.



Anna Carla Ferreira

Como a gente desnatura a opressão? Para lutar contra ela, precisamos mergulhar nas nossas memórias ancestrais. Entender que estamos aqui e fomos sonhados. Não podemos entrar em guerra entre os nossos, mas sim nos fortalecermos coletivamente, através também da escuta, pois, por meio dela, ganhamos possibilidade de resistência.



Leoildes Xavier

Não deixemos as feridas ficarem abertas, mas que se cicatrizem e sirvam como ferramentas para nos emancipar.



Juliana Teixeira



Ana Santos

Todas essas memórias que compartilhamos, como a gente tem tantas histórias próximas! Eu tive uma tia que cuidou de todo mundo e acabou morrendo por falta de cuidado. Então acho que é muito importante que a gente se coloque nesse lugar de pessoa que também precisa ser cuidada.



Sara Mello



Lucas Santos



Juliana Wu

Chegar nessa roda me remeteu há 30 anos, quando comecei a participar desses espaços de negritude e me entender no lugar de uma mulher negra. Foi nesses lugares coletivos que me formei como mulher preta. Para me fazer a mulher que sou, participei de diversas rodas como esta, nas quais entendi que a agroecologia também é uma pauta antirracista. Agradeço a essa roda. Sou a mulher que sou graças a esses encontros, onde posso ouvir mulheres mais velhas que trazem sabedorias. Esse lugar é o que me fortalece e nos fortalece.





Realização



CEM CENTRO de
INTEGRAÇÃO
SERRA DA MISERICÓRDIA

Cooperativa de
Agricultores Familiares
de Produtos Orgânicos

UNIVERDE



Apoio



Parceria

